

LUZIA MARIA MARTINS

(Lisboa, 27/05/1927 – Lisboa, 13/09/2000)

Luzia Maria Martins foi uma das primeiras mulheres portuguesas do teatro a singrar como encenadora e autora e a ter o seu mérito reconhecido a nível não só artístico, mas também intelectual e político.

Viveu parte da sua vida em Londres, onde estudou e contactou com um meio cultural muito diferente do que então se vivia em Portugal, o que a inspirou a fundar, juntamente com Helena Félix, o TEL – Teatro Estúdio de Lisboa, em 1964. Foi uma das figuras da resistência ao regime do Estado Novo e, através da sua força de vontade, proporcionou ao público português o contacto com autores e textos centrais da dramaturgia europeia, incluindo no seu repertório autores e textos proibidos pela censura.

A sua aventura teatral iniciou-se ainda na infância, por intermédio do seu pai, o cenógrafo Reinaldo Martins (activo desde 1915), que a levou a conhecer os bastidores e os palcos de alguns teatros. Apresentou-se em cena pela primeira vez no Teatro Politeama, com seis anos, numa revista de Lina Demoel. Estudou no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa, e, no início dos anos 50, trabalhou na rádio e no jornalismo. O seu maior interesse era, porém, estudar teatro, mas, pelo facto de o Conservatório não dar atenção aos estudos teóricos de dramaturgia que lhe interessavam, saiu do país em 1953 com destino a Londres, tendo pouco mais que 10 libras no bolso, passando aí a viver com a sua irmã. Graças à sua experiência como locutora de rádio, conseguiu trabalho na BBC, escrevendo simultaneamente para a secção literária do *Diário Popular*. E foi na capital britânica que seguiu os impulsos quiméricos da juventude e, numa vontade de conhecer tudo, frequentou diversos cursos que lhe abriram as portas para as mais diferentes áreas: encenação de teatro e ballet, cinema, filosofia e luminotecnia. Aí também contactou com as novas tendências do teatro, como o teatro narrativo e épico, e conheceu novos autores, encenadores e artistas. Entre eles, num dos cursos, Helena Félix, com quem, no regresso a Portugal, fundou o Teatro Estúdio de Lisboa, em 1964. O projeto artístico de ambas era divulgar em Portugal novos autores, desenvolver um trabalho de ator com grande contenção de gestos e rigor na elocução, bem como apresentar um teatro mais vivo e empenhado na intervenção social.

O seu gosto pelo teatro épico levou-a a exercitar uma escrita – e encenação – em torno de autores portugueses, procurando reflectir sobre o conceito do intelectual e a sua relação – problemática muitas vezes – com os tempos em que viveram: *Bocage – alma sem mundo* (1967), *O homem que se julgava Camões* (1981) e *Cesário quê?* (1986). Seguiu ainda processos do teatro narrativo em *Anatomia de uma história de amor* (1969), adaptação de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e trabalhou – com finura de análise e compreensão solidária – cenas da vida comum em *Lisboa 72-74* (1974), *Trapos e rendas* (1975), *Quando a banda tocar – cenas da vida lisboeta* (1979).

Encenou – e nalguns casos também traduziu – textos de Maxwell Anderson, Anton Tchekov, Terence Rattigan, Robert Bolt, Peter Shaffer, Thornton Wilder, Ted Willis, August Strindberg, David Storey, John Osborne, Arnold Wesker, Edward Bond, Jean Giraudoux, Roger Vitrac, Marguerite Duras, Rafael Alberti e Vaclav Havel. E foi, como a encenadora afirmou numa entrevista ao jornal *Público* (Ramos 1998: 30), a sua

persistência que lhe permitiu, por vezes, antes do 25 de Abril de 1974, apresentar alguns textos olhados com desconfiança pela censura fascista, como *Joana da Lorena* de Maxwell Anderson (1964), e resgatar peças inicialmente proibidas e depois aprovadas com cortes, como foi o caso de *As mãos de Abraão Zacut* (autorizada em 1968).

No entanto, a sua oposição ao regime fascista valeu-lhe também algumas situações caricatas: em 1967, aquando da apresentação, num festival amador em Setúbal, da peça *Bocage – alma sem mundo* (constantemente alvo de cortes e de proibição de representação), Luzia Maria Martins recebeu uma medalha comemorativa do bicentenário do poeta em cerimónia muda, por ter sido proibida de agradecer publicamente a homenagem. Numa outra ocasião, em 1968, a leitura da mensagem de Helene Weigel, a propósito do Dia Mundial do Teatro, proibida pela censura, levou a criadora a responder em tribunal. O seu protagonismo político levou também a que, em 1973, fosse convidada pela revista internacional *Index* a prestar o seu depoimento sobre a repressão política nas artes e, em 1975, uma cadeia de televisão dinamarquesa e a BBC entrevistaram-na mostrando excertos do espectáculo *Trapos e rendas* para reportagens sobre a Revolução dos Cravos. Justamente no ano anterior uma das canções do espectáculo *Lisboa 72-74* – com letra e música da atriz Ermelinda Duarte, licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e atriz do TEL desde 1969 – tornou-se um dos hinos mais vibrantes do 25 de Abril: «Uma gaivota voava voava».

Nos vários textos que Luzia Maria Martins escreveu para os programas dos seus espetáculos, confessou a sua «filiação» no teatro épico e mencionou Brecht, Piscator e Artaud como encenadores e teóricos de referência. As suas encenações foram também exercícios de modernidade, com a integração harmoniosa de outras artes, como o cinema, a dança e a rádio.

Pelo seu trabalho no TEL foi galardoada com várias distinções: em 1969 recebeu o Prémio António Pinheiro para Melhor Encenador do Ano com a peça *Vítor ou as crianças no poder*; em 1970, o Prémio da Crítica pela encenação de *Lar*; em 1986, recebeu o Prémio Especial de Teatro: Uma Vida ao Serviço do Teatro; em 1987, foi-lhe atribuído o Prémio de Dramaturgia do 3º Ciclo de Teatro de Autores Portugueses da Amadora. O público reconhecimento foi-lhe manifestado ainda em 1981, quando foi convidada pela RTP - Rádio Televisão Portuguesa para encenar 5 peças, e em 1987, eleita e homenageada como Personalidade do Ano pelo Festival Internacional de Teatro de Almada.

Contudo, Luzia Maria Martins queixava-se do afastamento do público e do seu desinteresse por um tipo de teatro menos comercial, por falta de uma cultura teatral na sociedade portuguesa. E apesar de – juntamente com Helena Félix – se manter fiel aos seus princípios, o desgaste de uma luta contra a constante falta de apoios financeiros, a dificuldade em manter um elenco estável ou em investir na divulgação promocional levou a que os seus espetáculos fossem perdendo algum vigor. Quando em 1991 o TEL encerrou definitivamente a sua atividade e Helena Félix morreu, Luzia Maria Martins, já muito desiludida, decidiu abandonar o teatro, recusando não só vários trabalhos como encenadora, como deixando igualmente de assistir a espetáculos. Apenas em 1998, a convite de Carlos Avilez e Luísa Ortigoso, regressou para encenar o monólogo *Frida e a casa azul*, de José Jorge Letria, no Teatro Nacional D. Maria II.

Morreu a 13 de Setembro de 2000, aos 73 anos, e, quatro anos mais tarde, a Câmara Municipal de Lisboa atribuiu o seu nome a um largo na freguesia de S. Domingos de Benfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (1984). *TEL-Teatro Estúdio de Lisboa: 20 anos 1964-84* (dossiê). Lisboa: TEL. [MNTD cota 5-133-28]

Anon. (1974a). «Luzia Maria Martins: Teatro pelo povo» in *Alcance* n.º 5. Maio, pp. 6, 7 e 20.

___ (1974b). «O Teatro Vasco Santana: histórias de sacrifícios e tenacidade» in *A Capital*, 25 de Outubro.

ÁVILA, Norberto (1973a). «*Cândido*, de Voltaire, pelo Teatro Estúdio de Lisboa» in *Teatro em Movimento*, n.º 4, p. 48.

___ (1973b). «No 10º aniversário do Teatro-Estúdio de Lisboa» in *Teatro em Movimento*, n.º 5, pp.39-40.

MARTINS, Luzia Maria (1967). «A Companhia de Teatro Vasco Santana – balanço de uma experiência» in *O tempo e o modo* n.ºs 50-51-52-53. Junho-Outubro, pp.600-601.

___ (1974). «Os ossos do ofício» in *Cinéfilo*, n.º 31, pp. 33-40.

MOURA, Nuno Costa (2007). *O indispensável dirigismo equilibrado: O Fundo de Teatro entre 1950 e 1974*, 2 vols. Dissertação de mestrado em Estudos de Teatro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

NEVES, Isménia (2004). *Luzia Maria Martins*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa-Comissão Municipal de Toponímia.

PEDRO, Rui (1974). «Ossos do ofício» in *Cinéfilo*, n.º 23, pp. 33-39.

PORTO, Carlos (1974). *Em busca do teatro perdido*. 2 vols..Lisboa: Plátano. Vol. II, pp. 87-124.

PORTO, Carlos / MENEZES, Salvato Teles de (1985). *10 anos de teatro e cinema em Portugal 1974-1984*. Lisboa: Caminho, p. 26.

RAMOS, Marina (1998). «Regresso de uma resistente» in jornal *Público*, 23 de Abril, p.30.

REBELLO, Luiz Francisco (1989). *História do teatro português*. Mem Martins: Edições Europa-América. 4ª ed., pp. 131-132.

SERÔDIO, Maria Helena (1988). «Algumas linhas fundadoras da dramaturgia de Luzia Maria Martins» in *Vértice*. Lisboa: Editorial Caminho. Abril , pp. 107-110.

Versão revista do verbete publicado na base temática do Instituto Camões em <http://cvc.instituto-camoes.pt/pessoas/luzia-maria-martins.html#_WhQaWcODPNM->. Revisão de S. Fadda.

Marta Brites Rosa